

**“..calmamente, agradavelmente e dentro das normas estabelecidas..”
algumas considerações sobre A morte de Ivan Ilitch**

**“(...) calmly, pleasantly and within established norms (...)”
some considerations about A morte de Ivan Ilitch**

Autora: Cleide Maria de Oliveira Lovon Canchumani
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
Edição: RUS, Vol. 15. Nº 27
Publicação: Novembro de 2024
Recebido em: 04/07/2024
Aceito em: 14/10/2024

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.226821>

CANCHUMANI, Cleide Maria de Oliveira Lovon.
“..calmamente, agradavelmente e dentro das normas estabelecidas..”
algumas considerações sobre A morte de Ivan Ilitch.
RUS, São Paulo, v. 15, n. 27, pp. 283-300, 2024



“..calmamente, agradavelmente e dentro das normas estabelecidas..” algumas considerações sobre *A morte de Ivan Ilitch*

Cleide Maria de Oliveira Lovon Canchumani*

Resumo: O artigo propõe uma leitura da novela *A morte de Ivan Ilitch*, de Tolstói, que ponha em destaque questões éticas prementes na narrativa, em especial o problema da inautenticidade existencial, recortado sob o pano de fundo sartreano. Buscar-se-á refletir sobre a experiência de tomada de consciência da própria finitude levada a cabo pelo protagonista, Ivan Ilitch, um sujeito a quem a inautenticidade em que viveu apela como elemento propulsor à uma epifania do que seria o “bom viver” em oposição a uma vida marcada pelo cálculo e vaidade, eticamente condenada na narrativa. Para pensar o conceito de inautenticidade, o texto dialoga com o existencialismo sartreano, em especial com seu conceito de inautenticidade.

Abstract: The article proposes a reading of the novel *A morte de Ivan Ilitch*, of Tolstói, in which important ethical issues are highlighted in the narrative, in particular the problem of existential inauthenticity, in the sartrean perspective. We will seek to reflect on the experience of becoming aware of one’s own finitude carried out by the protagonist Ivan Ilitch, to an epiphany of what would be the “good life”, as opposed to a life marked by calculation and vanity, ethically condemned in the narrative. To think about the concept of inauthenticity, the text dialogues with sartrean existentialism, in particular his concept of inauthenticity.

Palavras-chave: *A morte de Ivan Ilitch*; Tolstói; Inautenticidade; Sartre
Key words: *A morte de Ivan Ilitch*; Tolstói; Inauthenticity; Sartre

“E

eis o que diz um sábio indiano: Sákia Múni, um jovem príncipe feliz, do qual escondiam as doenças, a velhice e a morte, sai para dar um passeio e vê um velho horrível, desdentado e babão. O príncipe, de quem até então escondiam a velhice, fica espantado e pergunta ao cocheiro o que é aquilo e por que aquele homem havia chegado a tal condição lamentável, repugnante e disforme. E quando fica sabendo que esse é o destino geral de todas as pessoas, que a ele, o jovem príncipe, aguarda inevitavelmente o mesmo destino, já não consegue prosseguir o passeio e manda que o cocheiro volte, a fim de pensar sobre o assunto. E se tranca sozinho e reflete. É possível que tenha inventado para si algum consolo, porque de novo sai para passear, alegre e feliz. Mas dessa vez encontra um doente. Vê um homem muito magro, azulado, trêmulo, de olhos turvos. O príncipe, de quem escondiam as doenças, se detém e pergunta o que é aquilo. E quando fica sabendo que aquilo é a doença, que atinge todas as pessoas, e que ele mesmo, o príncipe saudável e feliz, no dia seguinte poderia também ficar doente, mais uma vez não tem coragem de continuar se divertindo, manda voltar e, de novo, procura um conforto e provavelmente o encontra, porque pela terceira vez sai para passear. Mas, na terceira vez, vê um espetáculo novo: vê que estão carregando algo. “O que é isso?” É um morto. “O que quer dizer ‘morto’?”, pergunta o príncipe. Respondem que se transformar num morto significa aquilo que aconteceu com aquele homem. O príncipe se aproxima do morto, o descobre e olha para ele. “E o que mais vai acontecer com ele?”, pergunta o príncipe. Respondem que será sepultado embaixo da terra. “Por quê?” Porque ele, seguramente, já não será nunca mais um vivo e dele só sairão vermes e mau cheiro. “E esse é o destino de todas as pessoas? Comigo também vai acontecer isso? Vão me enterrar e de mim vão sair mau cheiro e vermes?” Sim. “Volte! Nunca mais vou sair para passear.”

As Confissões, Tolstói.

Uma (quase) tragédia anunciada

* Doutora em Estudos de Literatura pela PUC-Rio e professora de Língua e Literatura Brasileira no CEFET-MG. <http://lattes.cnpq.br/0404567835426303>; <https://orcid.org/0000-0002-3586-332X>; cleideoliva@cefetmg.br

Uma das questões mais fundantes na novela *A morte de Ivan Ilitch*, de Tolstói, é aquilo que poderíamos chamar, na esteira do pensamento existencialista de Heidegger e Sartre, de inautenticidade. Gostaria de começar por ela e, *in media res*, ler um trecho significativo da trama onde tal questão aparece:

Os amigos apareciam para jogar, sentavam-se à mesa de jogo, distribuíam as cartas, dobrando as novas para amaciá-las. Separava os outros e via que tinha sete. Seu parceiro dizia: “Nenhum trunfo?”, e ele passava-lhe dois outros. Podia haver coisa melhor? Poderia ser divertido e animado – fariam um *gran slam*. E de uma hora para outra Ivan Ilitch lembra-se daquela dor insistente, sente aquele gosto na boca e parece-lhe grotesco que, em tais circunstâncias, ele possa ter prazer em um *gran slam*.¹

Nesse ponto da novela, Ivan Ilitch já sabe que algo de muito grave está acontecendo consigo, não mais se ilude com uma possível cura da enfermidade que fragilizava seu corpo e espírito, pois sente que “alguma coisa terrível, nova e importante, mais importante do que já acontecera em sua vida, estava se passando dentro dele”.² Nosso protagonista, um alto funcionário público de São Petesburgo, a quem o poder e o status social fascinavam como nenhuma outra coisa,³ está a um passo de ter a terrível epifania de que talvez toda sua vida tivesse sido “errada”, entendimento que o aturdirá, porque bem sabia ele “em que ordem e retidão vivera sua vida”.⁴ Mas ele detém esse passo, e distrai-se da dor contínua que lhe quebranta o corpo com um trivial jogo de cartas com os amigos, até que o grotesco da situação – ter prazer em um *gram slan* quando

1 TOLSTÓI, 2001, p. 59.

2 TOLSTÓI, 2001, p. 57.

3 TOLSTÓI, 2001, p. 26.

4 TOLSTÓI, 2001, p. 97.

se presente que a morte lhe come as entranhas – se revela. E essa revelação é construída desde as primeiras páginas da novela, quando se afirma que “A história da vida de Ivan Ilitch foi das mais simples, das mais comuns e, portanto, das mais terríveis”.⁵ Assim, nosso protagonista parece ser uma espécie de paradigma de “um jeito de se levar a vida”, e para se entender plenamente que “jeito” é esse é preciso considerar outros dados da narrativa que traçam a personalidade de Ivan como um “homem inteligente, educado, bem-disposto e agradável”,⁶ cuja maior preocupação era permanecer dentro dos limites sociais convencionais “que sua intuição lhe dizia quais eram”.⁷ Para Luiza Almeida,⁸ Ivan Ilitch é um invólucro vazio, pura exterioridade, sem as dimensões íntimas, complexas e por vezes contraditórias que caracterizam um ser humano “real”.⁹

As aparências que o guiavam na vida exterior, por mais inconcebível que isso possa parecer, também preenchiam sua existência interior – e ele não cultivava nenhuma elocubração existencialista de natureza mais densa, nem, por outro lado, mantinha dentro de sua casa, junto à mulher e aos filhos, o que seria natural, uma personalidade mais emotiva, visceral. Não, Ivan não tinha vísceras. Ele era liso, vazio, como suas camisas limpas ou as palavras francesas que emitia no momento oportuno, “com aprovação das pessoas mais altamente colocadas” (p. 68).

Ivan Ilitch simboliza um estar-no-mundo inautêntico e de má-fé, no qual se nega o horizonte maior em relação ao qual construímos nosso projeto de vida – a morte – na ilusão infantil de um conto de fadas imaginário onde o sofrimento, a dor e a morte *só acontecem com o outro*; mas o trágico está em que é justamente na afirmação desse morrer que construímos uma existência autêntica, na medida em que não abdicamos ou negamos a angústia intrínseca à liberdade de ser construção de si mesmo, como veremos a seguir com nossa incursão

5 TOLSTÓI, 2001, p. 20.

6 TOLSTÓI, 2001, p. 22.

7 TOLSTÓI, 2001, p. 22.

8 2011.

9 Não em oposição a ficcional, e sim no sentido de potência aberta para o devir.

pelo pensamento de Jean Paul Sartre. Não obstante, não há apenas negação no experimentar da finitude por Ivan Ilitch, mas também solidão e abandono. Ivan Ilitch encontra-se irremediavelmente só, o que fica bem evidente na cena em que esposa, filha, futuro genro e filho caçula vão até o quarto dele se despedir, pois estão indo para a ópera. A situação é por demais constrangedora: a mulher, “com seus seios exuberantes bem erguidos”,¹⁰ “com um ar satisfeito, mas levemente culpado”;¹¹ a filha, forte, saudável e impaciente “com doença, sofrimento e morte porque vinham atrapalhar sua felicidade”;¹² o futuro genro, tentando entabular uma conversa frívola sobre a natureza da atuação de Sarah Bernhard; e por fim o filho mais novo, o rosto assustado e cheio de olheiras azuladas. De repente, ao olhar para Ivan Ilitch, Fiodr Petróvich emudece, e um silêncio constrangido paira no ar:

O silêncio tinha de ser quebrado, mas ninguém se atrevia a falar, com pânico de que a farsa convencional fosse subitamente desmanchada e a verdade viesse à tona para todos.¹³

A verdade que todos conhecem e fingem não ver é que Ivan Ilitch está morrendo, e em decorrência lógica, que todos também estão, ainda que não tão acintosamente. O silogismo “Caio é um homem; os homens são mortais; logo, Caio é mortal” é objeto de considerações do narrador onisciente, que nos conduz pelos pensamentos de Ivan Ilitch:

Se eu tinha que morrer, assim como Caio, deveriam ter-me avisado antes. Uma voz dentro de mim desde o início deveria ter-me dito que seria assim. Mas não havia nada em mim que indicasse isso; eu e todos os meus amigos sabíamos que no nosso caso seria diferente. E eis que agora ... Não... não pode ser e, no entanto, é assim! Como entender?¹⁴

O espanto de Ivan parece se concentrar na afirmação de uma individualidade pungente: o “pequeno Vanya”, “com todos os seus pensamentos e emoções” (p.69), não poderia ser também

10 TOLSTÓI, 2001, p.89.

11 TOLSTÓI, 2001, p. 89.

12 TOLSTÓI, 2001, p. 90.

13 TOLSTÓI, 2001, p. 92.

14 TOLSTÓI, 2001, p. 69, grifo meu.

objeto desse mesmo destino macabro que é a morte. É como se Ivan Ilitch fosse uma singularidade absoluta e isso o protegesse do destino banal dos demais mortais. O curioso é que, por mais irracional que seja esse comportamento, ele não é idiossincrasia de nosso protagonista russo, os demais personagens da novela se comportam da mesma forma, haja vista, por exemplo, a forma como o amigo Piotr Ivanovich se comporta no velório de Ivan:

“Ora, isso pode acontecer comigo de uma hora para outra”, pensou aterrorizado. Mas, imediatamente, sem que ele soubesse explicar, veio em seu auxílio a velha ideia de que isso havia acontecido a Ivan Ilitch e não a ele, de que isso não iria e nem poderia acontecer a ele e que o fato de pensar em algo assim pudesse lhe acontecer só significava que estava se deixando levar por pensamentos depressivos, o que era um erro, como bem demonstrava a expressão no rosto de Schwartz. Piotr Ivanovich animou-se outra vez e passou a perguntar sobre os detalhes da morte de Ivan Ilitch, como se a morte fosse uma fatalidade à qual somente Ivan Ilitch estivesse sujeito e ele não.¹⁵

Não obstante, antes do fim da novela, Ivan Ilitch já terá tido a revelação de sua própria morte como algo que é não apenas possível, mas também urgente.

No presente ensaio buscarei refletir sobre essa revelação, qual seja, a experiência de tomada de consciência da própria finitude por um sujeito ao qual a inautenticidade em que viveu apela como elemento propulsor a uma epifania do que seria o “bom viver”, simbolizada na pessoa de Gerassim, em oposição a uma vida marcada pelo cálculo e vaidade, eticamente condenada na novela. Para pensar o conceito de inautenticidade estaremos dialogando com o existencialismo, do qual Jean Paul Sartre foi um dos maiores divulgadores, daí a necessidade de compreender algumas das principais diretrizes do pensamento sartreano.

15 TOLSTÓI, 2001, p. 17, grifo meu.

Incursões no Existencialismo sartreano

Um dos princípios básicos do existencialismo sartreano é que “a existência precede a essência”, mote que se tornou bastante popular e que tem o mérito de sintetizar uma das ideias mais radicais do existencialismo, a de que não há algo como uma natureza humana, visto que não há algum tipo de Deus para concebê-la: “Que significa, aqui, que a existência precede a essência? Significa que o homem existe primeiro, se encontra, surge no mundo, e se define em seguida. Se o homem, na concepção do existencialismo, não é definível, é porque ele não é, inicialmente, nada. Ele apenas será alguma coisa posteriormente, e será aquilo que ele se tornar”.¹⁶

Dado que o indivíduo é um processo de ser, e que a realidade humana não tem uma essência pré-determinada, mas é um constante transcender-se, somos aquilo que ainda não somos, projeto (ação de lançar-se para fora de si) em construção permanente, de onde a máxima: somos liberdade, estamos condenados a ser livres. A consequência mais significativa dessa afirmação é ética: o homem é aquilo que fará de si mesmo – mas isso não nos diz o que ele é, não nos dá uma essência pré-existente, senão constata que ele é um permanente vir a ser. Há um compromisso que nos une enquanto projetos que se tocam e se auto determinam, de tal modo que a liberdade sartreana só pode ser compreendida a partir da noção de intersubjetividade, que salva o eu de cair em um abismo solipsista:

Através do *penso*, contrariamente à filosofia de Descartes, contrariamente à filosofia de Kant, nós nos apreendemos a nós mesmos perante o outro, o outro é tão verdadeiro para nós quanto nós mesmos. Assim, o homem que se alcança diretamente pelo *cogito* descobre também todos os outros, e descobre-se como sendo a própria condição de sua existência.¹⁷

16 SARTRE, 1987.

17 SARTRE, 1987, p. 33.

Como salienta Costa,¹⁸ “Sob a luz da liberdade sartreana, o indivíduo se torna responsável tanto por suas razões quanto por suas paixões”, logo, não há como esquivar-se da responsabilidade de ser o que se é, já que, quando agimos, ou mesmo quando escolhemos não agir, escolhemos uma ação, dentre todas possíveis, e tornamos essa ação um valor universalizável. Por exemplo, se eu decido não votar nas eleições para presidente, decido que a participação política não é relevante ou eficaz como exercício de cidadania, decido que o sistema democrático vigente pode subsistir sem a participação de cada um de nós, ou então que não é necessário ou desejável que ele subsista. Há, portanto, uma importante tomada de posição ética no existencialismo:

(...) o primeiro passo do existencialismo é o de pôr todo homem na posse do que ele é, de submetê-lo à reponsabilidade total de sua existência. Assim, quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que o homem é apenas responsável pela sua estrita individualidade, mas que ele é responsável por todos os homens. (...) Ao afirmarmos que o homem se escolhe a si mesmo, queremos dizer que cada um de nós se escolhe, mas queremos dizer também que, escolhendo-se ele escolhe todos os homens.¹⁹

A responsabilidade de escolher-se, e escolhendo-se escolher o homem, gera angústia, conceito importante em Sartre que, assumindo uma postura ateia, nega a existência de Deus e leva às últimas consequências essa negação. Citando o célebre aforismo de Dostoiévski – “Se Deus não existe tudo é permitido” –, Sartre conclui: “(...), por conseguinte, o homem está desamparado porque não encontra nele próprio nem fora dele nada a que se agarrar. Para começar, não encontra desculpas”.²⁰ Por outro lado, o homem que “inventa determinismos”,²¹ age de má fé, tentando driblar sua própria consciência, é alguém que não assume a responsabilidade de “inventar valores” pois, se

18 COSTA, 2012, p. 33.

19 SARTRE, 1987, p. 11-12, grifo meu.

20 SARTRE, 1987, p. 18.

21 SARTRE, 1987, p. 40.

a vida não tem sentido a priori e, “(...) já que eliminamos Deus Nosso Senhor, alguém terá que inventar os valores”.²²

Mas, ainda dentro do pensamento sartreano, nem sempre estamos à altura da tarefa que a existência nos impõe, de tal modo que não é incomum que a liberdade seja recusada em nome de determinismos externos ou internos – classe social, fatores biológicos ou mesmo psíquicos, limitações físicas, determinações familiares, situações políticas, etc. – configurando aquilo que Sartre chamará de inautenticidade, afinal, nós “Estamos sós, sem desculpas”, e aquele que arruma desculpas para si seria alguém que age de má fé: “Tendo definido a situação do homem como uma escolha livre, sem desculpas e sem auxílio, consideramos que todo homem que se refugia por trás da desculpa de suas paixões, todo homem que inventa um determinismo, é um homem de má fé”.²³ E qual a relação do existencialismo com a morte de Ivan Ilitch? Ora, Ilitch é o protótipo do homem inautêntico de Sartre, na medida em que viveu sua vida considerando suas obrigações “o que quer que seus superiores assim o considerassem”,²⁴ sempre irreprensível em sua conduta, essa pautada na opinião das classes mais altas, inclusive em assuntos tão pessoais quanto o casamento.²⁵ E a inautenticidade está diretamente relacionada à má fé, pois essa advém da recusa à angústia de saber-mos sem salvaguardas, sem portulanos ou balizas éticas seguras que nos indiquem a direção ou caminho a seguir. Um homem de má-fé é aquele que recusa, ilusoriamente, a liberdade de se auto construir e diz, como Ivan Ilitch o faz: “Se se pudesse dizer que eu não vivi como deveria, mas não é essa a explicação”, pensava, lembrando da obediência às leis, da retidão, da respeitabilidade de sua vida”.²⁶ “Viver como se deveria” é, no caso de Ivan, viver como as pessoas respeitáveis vivem, viver

22 SARTRE, 1987, p. 45.

23 SARTRE, 1987, p. 16.

24 SARTRE, 1987, p. 22.

25 Sobre o seu casamento, o narrador ironicamente nos informa: “Dizer que Ivan Ilitch estava casando apaixonado e porque sua noiva partilhava de suas opiniões seria tão falso quanto dizer que ele só se casava porque seu círculo social aprovava a escolha” (p. 28).

26 TOLSTÓI, 2001, p. 101.

de acordo com as conveniências sociais e seus interditos, no mais das vezes artificiosos e fúteis. Mas, se se viveu conforme “os respeitáveis” socialmente postulam que se deve viver, onde está o erro? Essa é a pergunta que inquieta Ivan:

Suas torturas mentais deviam-se ao fato de que, durante a noite, quando olhava para o rosto calmo, de maçãs salientes, adormecido, de Gerassim, o que lhe vinha à cabeça era: “E se na verdade toda a minha vida tiver sido errada.”²⁷

O trecho acima citado introduz um personagem importante na novela de Tolstói: o criado Gerassim. Esse que será o elemento catalizador para a epifania que Ivan Ilitch tem de sua própria vida como “errada”. Por outro lado, Gerassim atua como elemento contrastivo, que evidencia a inautenticidade da vida de Ivan, de seus amigos e familiares, símbolo que é de uma existência que aceita o viver como progressivo morrer-se, e por isso, exatamente, é capaz de compaixão (*com-pathos*) e bondade em relação a nosso protagonista, coisa que os demais personagens não são, pois estão imersos na ilusão compartilhada de que: a) a existência é uma grande farsa onde todos devem encenar papéis socialmente determinados, sem alterar o xadrez dos poderes estabelecidos, e nesse sentido a ambição que move as peças do jogo é galgar a posição social mais confortável possível; b) as “coisas ruins”, tais como doenças, infortúnios e morte só acontecem com “outros” que não sejam tão idiossincráticos ou singulares quanto as classes privilegiadas o são.

Gerassim e a vida autêntica

Para Sartre, ainda que sob determinismos sociais (ou outros), o homem pode adotar uma postura autêntica, na qual o imperativo da liberdade fale mais alto, já que estamos condenados a ser livres; uma postura contrária a essa, como vimos, seria má fé, ou inautenticidade. Uma personagem interessante para refletir sobre a demanda sartreana pela autenticidade é Gerassim, o criado eleito predileto por Ivan Ilitch à medida em que seu corpo adocece e ele vai se sentindo, paradoxalmente,

27 TOLSTÓI, 2001, p. 103.

mais lúcido em relação às relações sociais frívolas e hipócritas sobre as quais erigiu seu projeto de vida.

E quem é Gerassim, pode-se perguntar. A primeira aparição dele vem com a explicação de que Gerassim torna-se visível para Ivan Ilitch por causa de um “inconveniente” que traz a esse grande sofrimento: é que Ivan Ilitch não consegue mais evacuar sem ajuda, e Gerassim foi designado para a tarefa desagradável de limpá-lo. No perfil físico e moral traçado pelo narrador ficamos sabendo que “Gerassim era um camponês jovem e limpo, que crescera forte, graças à comida local, e estava sempre bem-disposto” (p. 74), e que não se perturba com a tarefa que desempenha, como se vê no trecho a seguir, que transcrevemos:

Houve uma vez em que, levantando-se da privada, estava tão fraco que não conseguiu erguer suas calças. Sentou-se em uma cadeira baixa e olhou com horror suas fracas coxas nuas, com os magros músculos nelas desenhados. Gerassim entrou com seus passos leves, mas firmes, espalhando um agradável aroma que vinha de suas botas e do ar fresco do inverno. Vestia um avental limpinho de tecido rústico e uma camisa de algodão com as mangas arregaçadas sobre seus fortes braços nus, e sem olhar para Ivan Ilitch – por consideração pelos sofrimentos do doente –, disfarçando a alegria de viver que brilhava em seu rosto, foi até a privada. – Gerassim – chamou Ivan Ilitch com voz fraca. O jovem ergueu-se, temendo ter feito alguma coisa errada e, com um suave movimento, virou na direção do inválido seu rosto fresco, calmo, simples e jovem, no qual uma barba apenas começava a brotar. – Senhor! – Isto tudo deve ser muito desagradável para você. Desculpe-me. Não posso fazer nada! – O que é isso, senhor! – E seus olhos brilhavam num sorriso de dentes brancos e jovens. – Não me custa nada. É um caso de doença. O que se vai fazer!²⁸

É com Gerassim que nosso protagonista encontra algum consolo e conforto em sua solidão, e por que, poderíamos nos perguntar, já que um abismo social o separava do servo? A resposta parece estar em certa postura de Gerassim diante do dado irrecusável da morte de Ivan Ilitch, pois o mesmo não nega o que pareceria óbvio, não fora toda uma vida de

28 TOLSTÓI, 2001, p. 75, grifo meu.

autoengano de Ivan Ilitch: a finitude intrínseca não apenas ao patrão, que claramente estava morrendo em agonia, mas também a ele, Gerassim. O que fazer diante dessa constatação a não ser aceitar a mortalidade que nos fragiliza o corpo e abate a alma com coragem, e compaixão pelo que sofre? Ivan Ilitch é o homem inautêntico de Sartre justamente por não assumir um princípio básico do existencialismo: o entender-se, assumir-se como projeto aberto de autoconstrução no qual nos inventamos humanos e, com isso, inventamos os valores que balizarão nosso comportamento ético. Nesse projeto existencial, a consciência da própria mortalidade é a bússola que orienta todo agir e todos os afetos. Ivan Ilitch vive uma vida projetada e idealizada para a classe social à qual pertence, vive segundo as normas de um bem-viver que lhe foi imposto sem questionamento crítico, assumindo a máscara social que lhe tocou. A grande diferença entre Ivan Ilitch e Gerassim está na assunção do segundo a um projeto de vida que se insere no branco horizonte da morte. A compaixão que marca tão profundamente Gerassim é fruto da consciência trágica em relação à finitude que nos constitui.

Mas faltou-se com a verdade quando se disse que essa é a primeira aparição de Gerassim na novela. Logo no início da narrativa – que principia pelo fim, ou seja, pelo conhecimento da morte de Ivan Ilitch por seus antigos companheiros de trabalho e pelo velório do morto – Gerassim surge em diálogo significativo com Piotr Ivanovich, um dos amigos que comparecem ao velório, e que permanece consternado com o clima fúnebre do local, se comportando “como se a morte fosse uma fatalidade à qual somente Ivan Ilitch estivesse sujeito e ele não”.²⁹ À despedida daquele local sombrio, Piotr fala com o criado Gerassim as banais e convencionais palavras – “só para dizer alguma coisa”³⁰ – : “Que coisa triste, não é?”, ao que Gerassim responde: “– É a vontade de Deus. Nós todos vamos passar por isso um dia”, palavras que antecipam o conflito elementar da narrativa, qual seja, a impossibilidade de Ivan Ilitch,

29 TOLSTÓI, 2001, p. 17.

30 TOLSTÓI, 2001, p. 19.

enquanto representante de uma certa classe socialmente privilegiada, de enfrentar a dolorosa constatação de ser, como o Caio do silogismo citado posteriormente, mortal. O conflito que será vivenciado pelo protagonista é antecipado por seu antigo companheiro das partidas de *whist*, Piotr Ivanovich, que é em tudo uma projeção do Ivan Ilitch que o texto nos apresentará nas páginas seguintes: elegante, bem humorado, totalmente adaptado à superfície social na qual se movimenta com perfeição – inclusive bastante contente e esperançoso que o balé burocrático aberto pela morte de Ivan Ilitch lhe trouxesse vantagens, como por exemplo a transferência de seu cunhado, e muito consciente de si mesmo, a ponto de imaginar que coisas como aquelas que aconteceram com Ivan Ilitch – adoecer e morrer – não aconteciam com pessoas *como ele*. E é nessa moldura que deve ser lida a resposta de Gerassim: a morte é tanto um destino desejado por Deus para nós quanto uma inexorabilidade da qual nenhum humano pode escapar. A postura autêntica de Gerassim contrasta com a impostura de Piotr Ivanovich e dos demais personagens da trama. Inclusive com o Ivan Ilitch que o texto nos apresentará nas próximas páginas da narrativa.

Gerassim assemelha-se ao bom selvagem de Rousseau, filósofo do século XVIII que muito influenciou Tolstói, e de resto toda a *intelligentsia* russa. Em 1905, em uma carta aos fundadores da Sociedade de J.J. Rousseau em Genebra com um pedido de filiação, o escritor afirma a admiração por Rousseau desde a adolescência; chegou a usar, durante algum tempo, uma medalha com a fotografia do filósofo francês em lugar da cruz. E, mais tarde, sua obra *A confissão* (1879) será claramente inspirada nas *Confissões* de Rousseau:

Rousseau foi meu mestre a partir dos 15 anos. Rousseau e os Evangelhos são duas influências benéficas em minha vida. Rousseau não envelhece. Ultimamente tive chance de reler algumas de suas obras e experimentei a mesma sensação de elevação do espírito e de admiração que senti quando as li na terna mocidade.³¹

31 apud VÁSSINA e ERASSO, 2013, p. 04.

Sônia Branco (s/d) observa que “A antítese entre o homem civilizado e o povo não corrompido pela civilização, cuja vida se funde com a natureza, constitui um dos principais temas das obras de Tolstói”,³² tema que aparece pela primeira vez na novela *Os cossacos*, baseada na sua experiência no Cáucaso e escrita entre 1851 e 1863, quando foi publicada. Sem me deter no rico aproveitamento temático que Tolstói faz do tema natureza *versus* civilização, e sem me aventurar no pensamento do filósofo francês, dado o limite desse texto, quero traçar um paralelo entre a figura do bom selvagem e Gerassim, a partir das informações que a novela *A morte de Ivan Ilitch* nos dá sobre ele. Voltemos um pouco a uma citação feita anteriormente, sobre Gerassim:

Suas torturas mentais deviam-se ao fato de que, durante a noite, quando olhava para o rosto calmo, de maçãs salientes, adormecido, de Gerassim, o que lhe vinha à cabeça era: “E se na verdade toda a minha vida tiver sido errada.”³³

É bem claro nesse trecho e nesse momento da novela que Ivan Ilitch está prestes a ter a grande epifania de que sua vida anterior à doença havia sido uma farsa e um simulacro, muito embora tivesse ocorrido “(...) calmamente, agradavelmente e dentro das normas estabelecidas (...)”; que talvez a única coisa verdadeira em sua existência tivesse sido a infância distante – “...há um ponto de luz lá longe, no início da vida...”³⁴ – e aquela “leve inclinação para lutar contra os valores das classes altas”.³⁵ O restante (sua vida em família, a vida social e a retidão com que viveu) fora “tudo falso e sem sentido”.³⁶ O que chama a atenção é que é a figura do servo Gerassim adormecido que lhe traz tais sentimentos, destruindo a agradável certeza, em que vivera a maior parte da sua vida, de que sua existência corria no rumo certo, de acordo com o esperado das pessoas de sua estirpe. Gerassim, o humilde e simpático camponês,

32 BRANCO, S/D, p. 05.

33 TOLSTÓI, 2001, p. 105.

34 TOLSTÓI, 2001, p. 100.

35 TOLSTÓI, 2001, p. 103.

36 TOLSTÓI, 2001, p. 103.

que “disfarçava a alegria de viver que brilhava em seu rosto”,³⁷ para não ofender os sentimentos do patrão moribundo, é, em negativo, índice dessa existência “conveniente” – ou, em palavras sartreanas –, inautêntica, que Ivan viveu, e ao mesmo tempo símbolo de outra possibilidade de estar-no-mundo, de forma a não negacear a finitude que somos. No relato autobiográfico *Confissões*, Tolstói reforça essa compreensão quando analisa as diferenças entre os homens de suas relações, os bem-nascidos, e o pobre povo russo no que tange à capacidade de conferir sentido à vida e à morte; assim afirma:

Em oposição ao fato de que, quanto mais somos inteligentes, menos compreendemos o sentido da vida e vemos uma espécie de brincadeira cruel no fato de que sofremos e morremos, aquelas pessoas vivem, sofrem e se aproximam da morte com tranquilidade e, em geral, com alegria. Em oposição ao fato de que uma morte tranquila, uma morte sem horror e desespero, é a mais rara exceção em nosso círculo, uma morte intranquila, insubmissa e sem alegria é a mais rara exceção no meio do povo. E essas pessoas, privadas de tudo aquilo que, para mim e para Salomão, constitui o único bem da vida e que, nisso, experimentam uma grande felicidade, são inumeráveis.³⁸

É evidente o alto nível de idealização do povo humilde e inculto da Rússia, o que parece indicar claramente uma influência das concepções de Rousseau acerca do “bom selvagem”, o que aparecerá também nas narrativas de Tolstói, como por exemplo em *Senhor e servo* e *Os cossacos*,³⁹ e também na personagem Gerassim, da novela em análise. Gerassim ama a vida, mas não nega a morte, ou a dor. É delicado, bondoso e compassivo com os que sofrem, suas ações se apoiavam em uma ética compartilhada pelo povo simples do qual fazia parte, o qual espera “que alguém fizesse o mesmo por ele quando chegasse a sua hora”,⁴⁰ é o único que realmente compreende o sofrimento de Ivan Ilitch, e por isso o sentimento que esse tem

37 TOLSTÓI, 2001, p. 75.

38 TOLSTÓI, 2016, p. 45.

39 ALMEIDA 2017; ALMEIDA, 2011.

40 TOLSTÓI, 2001, p. 80.

de comunhão e paz com o servo humilde, e essa compreensão se baseia na convicção íntima de que a morte não é um evento que acontece apenas com *os outros*.

Considerações finais

Nos relatos de experiências de quase morte (EQM), atualmente estudadas por um raro grupo de cientistas que se embrenham nessa zona limítrofe entre ciência e religião, é comum a menção a uma luz de características variáveis, que apareceria no fim de uma espécie de túnel, como confirma o médico britânico Sam Parnia, da Universidade Cornell, em Nova York, EUA:⁴¹ “A maioria disse ter visto um túnel longo e escuro, mas outros o descreveram como um caleidoscópio ou um túnel de ladrilhos coloridos”.⁴² Nos últimos momentos de Ivan Ilitch não foi diferente: “Por três dias inteiros, durante os quais não existia para ele a noção de tempo, lutou contra aquele buraco negro para dentro do qual estava sendo empurrado por um invisível e invencível poder”.⁴³ A resistência de Ivan Ilitch em entregar-se a medonho buraco negro – claramente uma metáfora da morte – era a recusa em aceitar que a “vida boa” que julgara ter vivido era afinal de contas um grande erro, e não assumir essa constatação era a causa da agonia que prolongava seus suplícios. Até o momento em que “Afundou no buraco e lá no fundo dele havia uma luz”,⁴⁴ a mesma luz tão recorrente em narrativas de EQM, com semântica igualmente parecida, afinal, além da simbologia da luz – geralmente relacionada a seres espirituais ou divinos, ou a algum tipo de

41 Baseado nos estudos de Raymond Moody (1975, apud NETO, 2020, p.6-7), as variáveis constantes presentes nos relatos de quase morte são: “(1) a sensação de estar morto durante a quase-morte; (2) o sentimento de paz e alívio durante e após a experiência; (3) a visão de uma luz ou um túnel de luz ao estar fora do corpo; (4) a presença de um ou mais “seres de luz” na experiência; (5) a recapitulação da vida durante a experiência; e, (6) a sensação prolongada de compreensão do mundo, especialmente no que tange à presença unânime de uma memória duradoura das sensações, após a experiência.

42 Apud NOGUEIRA, 2016.

43 TOLSTÓI, 2001, p. 106.

44 TOLSTÓI, 2001, p. 107.

revelação – há também a brusca mudança de comportamento de Ivan Ilitch (a mesma que costuma ocorrer com pacientes que tiveram experiências de quase morte), que a partir desse momento tem uma experiência místico-epifânica, com claros contornos éticos:

Foi nesse exato momento que Ivan Ilitch caiu dentro do buraco e encontrou a luz e lhe foi revelado que sua vida não fora o que deveria ter sido, mas ainda era possível dar um jeito. Perguntou-se o que era, afinal, a coisa certa e ficou quieto escutando. Então, sentiu que alguém beijava sua mão. Abriu os olhos e viu seu filho. Sentiu pena dele. Sua mulher se aproximou, olhou para ela. Ela olhava-o fixamente de boca aberta, as lágrimas escorrendo no nariz e nas bochechas e uma expressão de desespero no rosto. Sentiu pena dela também.⁴⁵

Pela primeira vez desde o início da narrativa é dito que Ivan Ilitch sente algo em relação aos familiares, nesse caso, compaixão pelo sofrimento que lhes causa sua própria doença. Entregar-se à morte apresenta-se a ele como a solução para fazer cessar aquela dor, e ao tomar essa decisão o medo da morte se esvai e agora “Em seu lugar havia luz”.⁴⁶ Em certo sentido, a compreensão final de que os valores nos quais havia apostado sua vida foram equivocados, juntamente com a compaixão pelos familiares que sofrem com sua morte, é o que permite a Ivan Ilitch uma reconciliação final com a família e consigo mesmo, com sua história e projeto de vida. Tudo havia sido errado em sua vida, e entender isso é o que possibilita uma “boa morte”, pois Tolstói parece compartilhar da convicção cristã medieval – que animava os livretos orientadores da boa-morte, os *ars moriendi* - que o destino eterno de um indivíduo se configurava no momento de sua morte (*salus hominis in fini consistit*). É, portanto, na morte que Ivan Ilitch encontra a autenticidade que sempre faltou à sua vida.

45 TOLSTÓI, 2001, p. 108.

46 TOLSTÓI, 2001, p. 109.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Luiza Nascimento. *A representação da morte na obra de Tolstói*. Dissertação. São Paulo: USP, 2011.
- ALMEIDA, Luiza Nascimento. *Movimentos de criação literária em Lev Tolstói: um estudo da representação do homem natural e da tradição musical russa à luz de Cossacos – novela do Cáucaso*. Tese. São Paulo, USP, 2017.
- BRANCO, Sônia. A mão direita e a mão esquerda de Tolstói. *Revista Garrafa – UFRJ*. Acessado por: http://www.ciencialit.lettras.ufrj.br/garrafa/garrafa20/soniabranco_amaodireita.pdf, em 27.09.2021.
- COSTA, Vítor Hugo dos Reis. Autenticidade e alívio: Kundera além de Sartre. *Revista Guairacá*, Número 28, 2012, pp.27-55.
- FONTANA, Vanessa Furtado. Sartre: o existencialismo em torno da morte. *Revista Aufklärung, João Pessoa*, v.7, n.3., Set. Dez., 2020, p.99-110.
- NETTO, A. Narrando a própria morte: os relatos de experiências de quase-morte como narrativas de sentido. *Sociedade e Cultura*, 23, 2020.
- NOGUEIRA, Marcus. Na fronteira da morte. *Revista Super Interessante*, 31.10.2016. Acessível por: <https://super.abril.com.br/ciencia/na-fronteira-da-morte/>. Acessado em 29.09.2021.
- TOLSTÓI, Leon. *A morte de Ivan Ilitch*. Tradução de Vera Karam. Porto Alegre: L& PM, 2001.
- TOLSTÓI, Leon. *Uma confissão*. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.
- VÁSSINA, Elena; ERASSO, Natália Cristina Qintero. Dialética das relações dialógicas de J. -J. Rousseau e L. Tolstói: dos textos autobiográficos às obras de ficção. *Anais do XIII Congresso Internacional da ABRALIC Internacionalização do Regional*, UEPB, Campina Grande, 08 a 12 de julho de 2013.